

## Anima

Suzana Velasco

### 5 de maio

13h55

Uma foto retangular em preto e branco. Uma pessoa sentada à mesa com uma máscara realista, como aquelas bonecas antigas de porcelana, só que imunda. Os cabelos louros parecem artificiais. *(Seria mesmo uma máscara ou alguém com os olhos congelados?)* Um tecido envolve o pescoço e cobre as orelhas, mas não os cabelos. Moletom largo de mangas compridas, gola alta, preto surrado. A mão esquerda segura com a ponta dos dedos um avião de brinquedo, apoiado sobre a mesa. A mão direita ao alto, acima do cotovelo apoiado, segura um pombo. *(Acho que é um pombo. Minha irmã sempre ria porque eu, Tom, não conseguia identificar os pássaros).* A boca segura outro pombo, este parece morto. Os olhos que de tão fixos parecem ausentes. A parede tem uns desenhos de pássaros, mas não aqueles bonitinhos. São formas simples e brutas.

*Ou*



19h10

Ana: Essa foto me fez pegar o livro do Roger Ballen na estante. Havia me esquecido dele. Móveis e paredes rabiscados, os pombos feito gente, todo aquele excesso.

Tom: (*São pombos mesmo*). Uma beleza na sujeira sem ser o clichê da beleza na sujeira.

Ana: É uma mistura ácida com a natureza, mas tem sua doçura.

19h33

Tom: A gente se conhece?

Ana: Eu peguei seu contato com uma amiga uma vez, ia fazer seu curso.

Tom: Por que não fez?

Ana: Sem tempo.

Tom: Muito trabalho?

Ana: Não, muita gente.

Tom: ?

Ana: Deixa pra lá.

## 6 de maio

9h43

**Um vídeo feito de dentro de um carro em movimento mostra barcos no mar, enquanto soam versos do *Estrangeiro*, de Caetano Veloso: “*O antropólogo Claude Lévi-Strauss detestou a Baía de Guanabara. Pareceu-lhe uma boca banguela*”.**

9h45

Tom: Irônica, você.

Ana: Não contém ironia.

Estou há um mês neste bairro estranho. Não é uma boca banguela. É como uma dentadura no Rio de Janeiro, dentes brancos assustadoramente impecáveis como o do Firmino, sabe aquele jogador do Liverpool? Da seleção brasileira também.

No domingo de sol é aquela fila de casais namorando tirando selfies, pra que tanto casal um do lado do outro, já basta a paisagem opressora. Sabe um videogame que tem pontuação maior quando você mata velhinhos e crianças? Vou criar um pra casais. Pra matar casais na mureta da Urca.

Tom: A Urca é bonita. Meu cachorro gosta.

Ana: Não estou acostumada a viver num cartão postal.

20h37

Ana: Não repara. Eu sei ser doce também.

## 9 de maio

1h23

Ana tira uma, duas, três, cinco selfies. O quarto está escuro mas uma luz projeta no rosto de Ana os detalhes de ferro da janela de casa.

**O autorretrato mais digno de Instagram.**

9h30

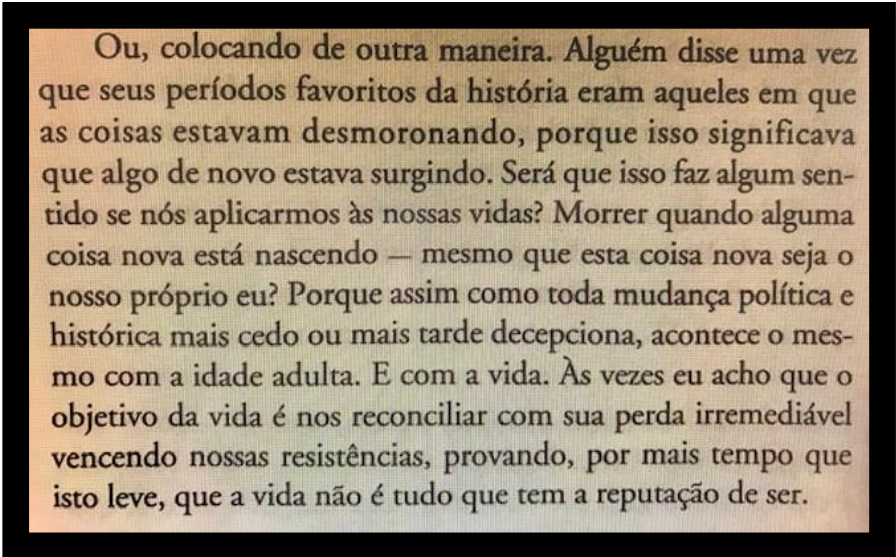
Tom observa a selfie de Ana uma, duas, três, cinco vezes.

Tom: Como você é bonita.

Ana: É a luz da Urca.

## 15 de maio

15h55



Ou, colocando de outra maneira. Alguém disse uma vez que seus períodos favoritos da história eram aqueles em que as coisas estavam desmoronando, porque isso significava que algo de novo estava surgindo. Será que isso faz algum sentido se nós aplicarmos às nossas vidas? Morrer quando alguma coisa nova está nascendo — mesmo que esta coisa nova seja o nosso próprio eu? Porque assim como toda mudança política e histórica mais cedo ou mais tarde decepçiona, acontece o mesmo com a idade adulta. E com a vida. Às vezes eu acho que o objetivo da vida é nos reconciliar com sua perda irremediável vencendo nossas resistências, provando, por mais tempo que isto leve, que a vida não é tudo que tem a reputação de ser.

## 16 de maio

9h10

Ana: Que foda. De quem é?

Tom: Julian Barnes.

Ana: Meu ex-marido detestava Julian Barnes, por isso nunca li. Ele achava piegas.

Tom: Não dá mesmo pra deixar de fazer algo por causa de marido.

Ana: Claro que dá.

Mas talvez neste caso eu devesse ter seguido a opinião dos críticos de literatura, não do meu marido.

Ex-marido.

Tom: Tem muito tempo?

Ana: Já faz um ano, mas quando me mudei parece que me separei de novo. Todo mundo dizia que seria sofrido encaixotar os livros, separar as roupas, olhar para os móveis e lembrar a história deles. Mas o duro mesmo foi encontrar um novo lugar para cada objeto. Depois que a gente arranca as coisas de onde estão é difícil fincá-las em outro solo.

Parece que os pés dos móveis estão sempre bambos.

Outra noite dormia e achei que fosse cair da cama, que o chão era de areia.

Tom: Vai ver era um sonho.

Ana: Não era. Eu quase não sinto o chão desta casa.

## **17 de maio**

11h

Ana: Eu te vi ontem. Na festa do festival.

Tom: Por que não falou comigo?

Ana: Você estava longe e havia gente no caminho.

Gente demais.

Você também é bonito.

Não como a Urca, ainda bem.

Tom: Queria ter te visto.

Ana: Vou enviar uma coisa pra você.

## **30 de maio**

0h04

Tom: Você sumiu. Fico vendo sua foto toda hora.

Me masturbo só olhando a foto do seu rosto. Estranho isso.

0h30

Acabei de ler Julian Barnes e queria te dar o livro.

Queria te ver e te dar o livro.

Te ver.

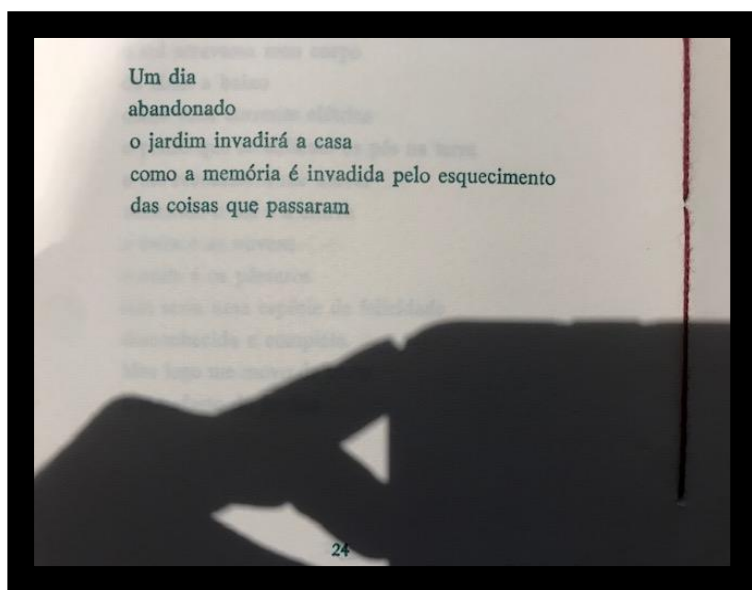
## **01 de junho**

8h47

Ana: Me convida.

Tom: Convido.

22h38



Tom: De quem é?

Ana: Ana Martins Marques, O Livro dos Jardins.

23h43

Ana: Meu jardim abandonado invade a casa todos os dias.

Tem essa árvore que não sei o nome, ela solta umas folhinhas minúsculas que entram pelo quarto, grudam em todos os cantos. Acordo e minha cama está cheia dessas folhinhas, eu acabo de varrer e lá estão elas de novo. Agora menos porque fecho as janelas, mas quando cheguei e não tinha ar condicionado, nossa. Agora as janelas ficam quase sempre fechadas, mas parece que as folhinhas entram pelas esquadrias e vêm parar nos lugares mais improváveis. E eu varro, varro. A gente vai ter que tirar essa árvore, não vai dar. Ela me dá privacidade, ainda não tenho cortina. Mas vamos ter que tirar. A cortina é caríssima, essa janela é pornográfica de grande. Na verdade essa casa é pornográfica de grande e velha. Mesmo pra quatro amigos, continua enorme. E ainda no meio de um cartão postal. Tudo grudado de folhinhas.

Tom: Só tenho espaço pra uns micro vasos de flores na janela.

Faz uma horta.

Ana: Os gatos defecam.

Tom: Defecam?

Ana: Defecam. Fazem coco na terra.

0h40

Ana: Ana, a Martins Marques, diz assim logo em seguida:

“Mais valia, você sabe, plantar um jardim  
Do que escrever poemas sobre jardins”

Mas eu, Ana Costa Lemos, não acho, não. Muito melhor escrever poemas sobre jardins.

Melhor plantar o poema e cuidar do livro. O dela foi impresso e costurado a mão. É um jardim mais perene, mesmo se a gente se esquecer dele ele não morre. O outro, se não olharmos todo dia, já era.

Tom: Livro na estante também morre.

Ana: Mas pode ser morte temporária. Não seria bom morrer só por um tempo? De repente quando a gente voltasse viveria as mesmas coisas de novo, só que de outro jeito.

Tom: Acho que eu não gostaria de ter várias vidas.

A vida não é tudo que tem a reputação de ser.

Ana: Todo mundo tem várias vidas. Mas a gente morre de medo de morrer.

## **07 de junho**

14h11

**Foto de Tiradentes como um cartão-postal genérico: casas coloniais, portas coloridas, calçamento pé de moleque.**

## **10 de junho**

10h03

Tom: Voltei ontem do festival de Tiradentes. Já que não faço mais filmes, avalio o dos outros.

Estava com saudades de casa, do Zero.

Meu cachorro.

Ana: Ele ficou só?

Tom: Cães não são gatos, não podem ficar tanto tempo sós.

22h21

Tom: Eu também não moro sozinho.

O Zero ficou com a minha mulher.

2h03

Tom: *Essa mensagem foi apagada.*

Ana: Deu tempo de ler. Você tem razão, não temos nada um com o outro.

Mas a gente estava naquela tabela bonita, Romário e Bebeto, bola pra lá e pra cá, pá pum, e na cara do gol você me avisa que a rede é do adversário.

Tom: Que metáfora nada a ver, Ana.

Ana: Nada a ver você, Tom.

É patético, na verdade.

Esse flerte intelectual.  
Cansada de poesia.

### **13 de junho**

20h30  
Tom: Ana?

### **14 de junho**

22h04  
Tom: Ana, fala comigo.  
Ana: Já disse, cansei de poesia.

### **2 de julho**

1h28  
Tom: Ela foi embora.  
Levou quase todos os móveis.  
Será que ela vai ter a mesma dificuldade que você, de fincar os móveis em outro lugar? Eu fiquei só com a terra remexida e nem tenho nada pra plantar no lugar.  
É desolador.  
Será que o terreno é infértil?  
Ana: Realmente acho que deveríamos abandonar as metáforas.

3h49  
Ana: Você podia dançar no terreno infértil em vez de fincar coisas nele.  
Quando danço, faço as pazes com o chão de areia na Urca.

### **22 de julho**

20h09  
Ana: Você sente falta dela?  
Tom: Só quero me apaixonar de novo por alguém que valha muito a pena.  
Ana: Queria era conseguir me apaixonar por alguém que não valha a pena mesmo.

23h

Ana: Tom, a gente tem que transar.

## **27 de julho**

23h14

Ana: Tom, a gente tem que transar.

Tom: Vem aqui um dia desses.

Ana: Me convida.

Tom: Convido.

## **30 de julho**

18h50

Tom: Onde você tá?

Ana: Num bar exercendo minha heterossexualidade, bebendo cerveja ruim e vendo jogo do Flamengo.

Tom: Haha, essa foi boa.

Ana: Não é assim que os machos dizem?

Tom: Vem pra cá. Nossa Senhora de Copacabana 1138. Tô acabando um parecer. Você tá vendo o jogo mesmo?

Ana: Claro.

Tom: Vem depois.

21h35

Ana: Qual o número do apartamento?

21h43

Ana: Tom, estou aqui, qual o apartamento?

Tom: Ah, desculpe. 803.

Porta aberta. Ana e Tom se abraçam constrangidos.

Tom: Desculpa, me enrolei, só preciso acabar algo rapidinho. Senta.

O brilho artificial da cerâmica do chão é ressaltado pela exiguidade de móveis na sala. Duas estantes mais ou menos da altura de Ana – hoje com uns 1,70m por causa dos saltos da bota –, só com lombadas de livros aparentes, sem objetos pessoais ou decoração. Uma mesa de trabalho com papéis e mais livros, Tom sentado com seu notebook, terminando o parecer. Duas cadeiras de praia viradas para a parede. E só.



Ana desloca as cadeiras para a frente da janela.

Ana: Agora dá pra sentar e ver o céu.

Tom se vira, olha para as cadeiras por alguns segundos, volta ao computador sem mudar a expressão.

Ana entra no banheiro. (*Nenhum fio de cabelo, parece que ele limpou tudo antes de eu vir*). O espelho sobre a pia, cheio de ranhuras, lembra o do seu antigo apartamento. Ela faz caras e bocas para si mesma, observa as olheiras e massageia debaixo dos olhos. Dá descarga como um fingimento. Sai diretamente para o quarto ao lado, apenas um colchão no chão com lençóis amassados. Ana tira as botas e se deita. Vê no canto um potinho de comida de cachorro, mas não há cachorro algum.

Da sala vem o som de uma música festiva. Os instrumentos de metal abafam um pouco o ruído incessante de ônibus da Nossa Senhora de Copacabana. Ana mira, distraidamente, o pequeno relógio preso em seu pulso.

22h07

Ana: Neste prédio não vigora a lei do silêncio? Não achei que você fosse homem de fanfarra.

Tom para na porta com uma garrafa de cachaça e os dois copos. Ana o olha. Ele não consegue segurar o olhar fixo por muito tempo.

Tom: Trouxe de Tiradentes.

Ana: Aqui tem espaço suficiente para mais do que uns vasos de flores. Aliás, cadê os vasinhos na janela?

Tom: Ela também levou.

Ana: O cachorro também?

Tom: Hmhum.

Tom se senta ao lado de Ana, enfim olha nos seus olhos.

Tom: A vantagem do colchão é que você não corre o risco de cair como lá na Urca.

## **31 de julho**

5h50

Tom: Por que você não ficou?

10h03

Ana: Não consigo dormir ao lado de estranhos.

Tom: Achei que não fôssemos estranhos.

Ana: Seu corpo ainda é.

11h

### **Os pés de Tom no parapeito da janela de sua casa, céu azul e a ponta de outro edifício.**

Tom: Você mudou toda minha perspectiva.

Ana: Fica atento à rota das gaivotas.

Tom: Ainda não vi nenhuma. Não tenho a Baía de Guanabara ao lado de casa.

Ana: Minhas cadeiras de praia ficam voltadas para o Pão de Açúcar. Eu observo a rota dos bondinhos. Dá até para ver as pessoinhas no Morro da Urca, imagino elas tirando selfies lá de cima, a Baía de Guanabara dentuça e imunda, não dá pra ver o lixo nas fotos.

Ontem deu pra ouvir o barulho do mar do meu quarto. Por causa da ressaca louca.

Tom: Eu vi as fotos no jornal, gente surfando na baía.

Ana: Ainda acho estranho morar dentro de um cartão postal.

Mas descobri que a Baía de Guanabara pode ser uma boca banguela, Tom. Parei na prainha ao lado de casa e o mar se revirava todo, a água batendo nas pedras.

Boca sem dentes, desprotegida.

Era muito mais bonita se revoltando.

### **5 de agosto**

21h23

Tom: A gente tem que transar de novo, Ana.

Eu posso ir até você.

Ana: Ainda não tenho cortinas.

### **6 de agosto**

4h59

Tom: Você se foi mais uma vez.

Mas bonzão acordar sorrindo.

6h30

Ana: Cheguei e tinha pedaços de pássaro no jardim, o gato comeu.

Pedaços de pássaro misturados com aquelas folhinhas grudentas.

Tudo sujo espalhado pela tempestade.

Me deu um embrulho no estômago.

Não consigo dormir.

Tom: Volta.

Ana: Eu vou amanhã, como a gente combinou.

Agora vou atrás de alguém pra tirar a árvore daqui. O jardineiro já disse que tem que cortar mesmo, ela está explodindo no canteiro. Hoje ela sai de casa.

20h40

Ana: Primeiro foi o pássaro morto.

Agora tem dois pássaros desorientados voando em círculos.

Acho que eles tinham um ninho.

Tudo bem matar a árvore, vou plantar outra. Mas esses pássaros desesperados, soltando uns sons agudos.

Tom: Que pássaros são?

Ana: Sei lá!

Que importa?

Tô enjoada de novo.

Tom: Calma. Eles vão fazer uma casa nova.

## **7 de agosto**

8h03

Tom: Tá melhor?

12h34

Ana: Dormi por 12 horas.

Acho que foi a primeira vez que não acordei achando que ia cair.

Tom: Não sente mais o chão de areia?

Ana: Sinto. Acho que me acostumei.

Tom: Que horas você vem?

Ana: Não vou hoje, Tom.

Vou ficar aqui e arrumar minhas coisas, minha cabeça.

## 8 de agosto

16h27

Ana: Criei um canto para ler ao ar livre. Achei um espacinho pras almofadas velhas que eu ia jogar fora.

Tom: Me convida um dia.

Ana: Convido.

## 11 de agosto

20h07

Ana: Queria te mostrar um vídeo.

Tom: Me manda.

Ana: Vem aqui.

21h33

*(Parece uma entrada de edifício, imaginava um jardim na frente da casa).* Ana abre a porta e Tom a segue até os fundos, onde há um pátio interno. Um futon e umas almofadas ficam perto de um canteiro com poucas plantas, todas um tanto secas, a terra remexida. Tom olha para a construção anexa.

Ana: Eu moro aqui, na edícula.

Tom: Edícula?

Ana: É como se chamam essas pequenas casas no fundo do terreno, meio independentes. Esta devia ser pros empregados.

Tom: Você ainda não tem cortinas.

Ana: Está escuro.

Um gato desce pela escada da edícula. Ana pega a mão de Tom e o leva até o quarto, iluminado por uma vela. Ana liga o computador ao projetor e um vídeo musical de atmosfera melancólica começa na parede.

**Pessoas de uniforme fazem movimentos automatizados no metrô. Um homem e uma mulher cruzam o olhar, mas logo voltam a uma espécie de estado de transe. Dezenas caminham como se fossem robôs, num mundo rigidamente organizado. Ele faz esforço se desvencilhar e caminhar por si próprio. Ele encontra a mulher de novo, eles dançam juntos e até sorriem, sem sair totalmente da melancolia.**

*"If you could do it all again. A little fairy dust. A thousand tiny birds singing. If you must you must. Please let me know. When you've had enough. Of the white light. Of the dawn chorus. If you could do it all again."*

Ana: É *Anima*, do Thom Yorke, vocalista do Radiohead. O vídeo é dirigido por aquele cineasta Paul Thomas Anderson.

Tom: Um tanto deprimente. É como se não tivéssemos saída.

Ana: Não acho. Todo mundo robotizado, mas mesmo assim ainda sobra algum espaço para cruzar olhar e dançar junto.

Tom: No dia seguinte são todos robôs no metrô de novo.

Ana: Ainda que seja rápido, a gente segue tentando se conectar. É lindo.

Tom: Achei que você estivesse cansada de poesia.

Tom sorri e se deita.

Tom: Os pés da cama estão firmes, pode vir.

## **12 de agosto**

7h30

Tom olha pela janela.

Tom: Tem umas azaleias no seu canteiro, não tinha visto ontem.

Ana: Elas florescem em agosto, quando está mais frio. São flores de inverno.

Tom: Achei que você não gostasse de cuidar de plantas.

Ana: Não gosto. Elas nasceram sem eu fazer nada. Só com o adubo dos gatos.

Tom: Suas almofadas estão encharcadas depois do temporal.

Ana: Vão secar.

Tom tira da mochila *O sentido de um fim*, de Julian Barnes, e põe em cima da cama.

Eles se aproximam e dão um abraço que dura o tempo de uma despedida.

19h50

Tom: Deixei uma coisa pra você na minha portaria, pro seu canteiro. Passa lá quando estiver em Copacabana.

Ana: É de plantar?

Tom: Surpresa.

Ana: Boa viagem, Tom.

Tom: Pra você também, Ana.